

“AJUDAR OU A - JU- DAR: o que é melhor para o afásico?”: contribuições de testes de não-palavras

Victória Cristin do Nascimento Haddad (UERJ)¹

RESUMO: Com o objetivo de investigar a resposta do afásico (pessoa que sofreu algum dano cerebral, afetando alguma região responsável pela linguagem) diante do modo de apresentação do estímulo linguístico, foi aplicado o teste de repetição de não-palavras. Sua aplicação é relevante para medir a memória de trabalho verbal (MTV) e problemas articulatórios na produção da linguagem. No caso desta pesquisa, salienta-se, ainda, a necessidade de divulgar à população informações importantes para o convívio com afásicos. Para a confecção do teste foi elaborada uma lista de não-palavras. Em seguida, o aplicamos em duas fases: i) não-palavras pronunciadas de modo fluente; ii) não-palavras pronunciadas de modo silabado (falado pausadamente). Em ambas as fases, o teste foi aplicado primeiramente em controles e, em seguida, em três afásicos. Resultados da primeira fase apontaram que todos os afásicos apresentaram problemas com não-palavras mais longas. Na segunda fase, resultados demonstraram que os afásicos tiveram mais dificuldade para compreender os estímulos pausados. Este tipo de teste pode subsidiar o tratamento, pois a partir dos resultados se descobrem problemas específicos, como a capacidade de manter informação na MTV e a capacidade de articulação de determinados fonemas. Além disso, se de fato afásicos possuem mais dificuldades na repetição de não-palavras silabadas, não haveria necessidade de mudança na maneira de se dirigir a eles: não adiantaria falar pausadamente, pois isso, em vez de ajudar, atrapalharia na retenção e na compreensão da fala.

1) Introdução

Em dezembro de 2009, o Programa Linguagem em Condições Diferenciadas (PLCD), em parceria com a Universidade Veiga de Almeida, lançou o livro *Pesquisa e Material Desenvolvidos com Base em Critérios Linguísticos para A Prática Fonoaudiológica nas Afasias*. A obra é fruto de pesquisas realizadas pela equipe do Projeto Linguagem em Circunstâncias Excepcionais, que integra o PLCD e focaliza aspectos linguísticos das afasias. A proposta do livro é oferecer caminhos a serem seguidos pela Fonoaudiologia para diagnóstico e tratamento das afasias. Para tanto, testes foram elaborados e aplicados, com base no arcabouço teórico da Linguística e nos critérios de elaboração de testes da Psicolinguística.

Entretanto, um teste ainda não havia sido aplicado, a “repetição de não-palavras”. A sua aplicação é relevante por dois motivos. Primeiro, para medir o desempenho da memória de trabalho verbal (MTV), que é um componente da mente relacionado com a compreensão da linguagem. Se houver problemas em algum dos componentes que constituem a MTV, podem acontecer distúrbios na compreensão. Em segundo lugar, este teste mede problemas articulatórios na produção da linguagem.

A escolha por um teste de não-palavras foi baseada na necessidade de avaliar o desempenho dos afásicos sem a intervenção de outros componentes da MTV, que não fosse o circuito fonológico. Pode-se dizer que este teste é bastante adequado para medir seu desempenho, pois ao ouvir uma não-palavra não se acessam informações de cunho lexical que

¹ Bolsista de Extensão, orientada pelo Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima (UERJ).

passam pela MTV. Assim, assume-se que se o afásico tiver problemas para armazenar a informação na MTV, devido a uma falha nesse componente, a comunicação será prejudicada.

Para além desta investigação, intencionava-se verificar se a forma de apresentação das não-palavras para o afásico poderia facilitar sua compreensão. Por isso, o teste de não-palavras foi dividido em duas fases – a primeira com não-palavras apresentadas de maneira fluente e a segunda com os itens do teste apresentados de maneira silabada (pausadamente).

É comum as pessoas se dirigem a uma criança pausadamente. Por exemplo, uma mãe pode dizer ao seu filho: “Pedro! Já di-sse pra fa-zer si-lên-cio!”. O mesmo acontece quando o interlocutor é um estrangeiro. Por exemplo, “ – o metrô fica à direita; di-rei-ta.”. Será que isso ajudaria o afásico?

Um estudo anterior, realizado com crianças (Lobo; Acrani; Ávila, 2008), revelou que estas possuíam mais dificuldade em repetir as não-palavras mais longas na versão silabada. Podemos, então, investigar se o mesmo aconteceria com os afásicos.

Se o desempenho com não-palavras silabadas for pior para o afásico, assim como foi com as crianças, não seria aconselhável falar dessa maneira com eles. Então, o principal objetivo desta pesquisa é investigar se a população de afásicos será prejudicada se as pessoas se dirigirem a eles como às vezes o fazem com as crianças, e adicionalmente, fornecer informações e material para a prática fonoaudiológica, principalmente, no que tange ao relacionamento do afásico com as pessoas que o rodeiam.

Na primeira seção deste capítulo, são apresentados de maneira detalhada os critérios envolvidos na elaboração do teste de repetição de não-palavras nas duas fases, bem como os sujeitos que participaram do teste, os procedimentos de aplicação, transcrição e classificação dos itens. Na segunda seção, são apontados os resultados dos dados encontrados. E, por fim, é proposta uma discussão acerca desses primeiros resultados analisados.

2) O teste de repetição de não-palavras

Nesta seção encontra-se descrito todo o processo do teste de repetição de não-palavras, desde sua confecção até a classificação dos resultados. Apesar de o teste ter sido dividido em duas fases, não são apresentadas descrições distintas para cada uma delas, porque a segunda fase foi uma continuação da primeira. Por isso, os acréscimos feitos à segunda fase do teste serão inseridos à medida que for necessário.

2.1) Procedimentos de elaboração

Para a confecção do teste, foi utilizada como fonte uma lista de 288 não-palavras do livro *Pesquisa e Material Desenvolvidos com Base em Critérios Linguísticos para a Prática Fonoaudiológica nas Afásias* (parte III, na seção Material Fonoling). Os itens dessa lista estão classificados de acordo com o tamanho (monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos), com a tonicidade (oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos) e com o fonema inicial (oclusivos surdos e sonoros, fricativos surdos e sonoros, nasais e laterais). Por se tratar de um número muito grande de não-palavras para a aplicação em um afásico, fez-se necessária a redução e a subdivisão da lista original em quatro listas menores.

Para cada uma dessas listas, foram selecionadas 54 não-palavras subdivididas em seis blocos de fonemas iniciais (/p/ /t/ /k/; /b/ /d/ /g/; /f/ /s/ /š/; /v/ /z/ /ž/; /m/ /n/; /l/ /x/). Cada bloco é composto por 9 não-palavras, sendo: 1 monossílabo; 2 dissílabos (1 paroxítono e 1 oxítono); 3 trissílabos (1 proparoxítono, 1 paroxítono e 1 oxítono); 3 polissílabos (1 proparoxítono, 1 paroxítono e 1 oxítono). Assim, após a subdivisão, as não-palavras ficaram distribuídas como mostra o quadro da Figura 1.

Figura 1 – Exemplo de lista dividida por grupos de fonemas iniciais

Lista 1					
/ptk/			/bdg/		
pu	tame	paqué	dé	Bune	dopi
tecabe	carezá	pátaco	gapeba	Dalená	bádaco
temonorá	petáguita	tacopago	demenori	Bavázoro	gato gaco
/fsš/			/vzž/		
sá	fapo	chofu	ji	Vosa	japi
favosa	sinori	xáquire	jafázi	Zoneli	vádalo
fosafovi	Xatágada	samonero	jotadani	Verámono	zacatago
/mn/			/lx/		
mó	mugue	nabi	rá	Lafo	ragá
natago	medotá	nêdaga	rofázu	Litaji	ráralo
nesagedá	navíjoso	matotade	limenori	Ricédovo	lamonéri

Sendo assim, as quatro listas foram organizadas de maneira balanceada, levando em consideração os três critérios de classificação da lista completa de 288 itens.

Com as não-palavras divididas em listas menores, a próxima etapa consistiu na elaboração de uma ordem aleatória para a aplicação do teste. Foi atribuído um número a cada um dos 54 itens de cada lista, em ordem crescente de acordo com o número de sílabas, tonicidade e fonema inicial. Os números de 1 a 6 eram monossílabos, de 7 a 12 dissílabos paroxítonos, de 13 a 18 dissílabos oxítonos, de 19 a 24 trissílabos paroxítonos, de 25 a 30 trissílabos oxítonos, de 31 a 36 trissílabos proparoxítonos, de 37 a 42 polissílabos oxítonos, de 43 a 48 polissílabos proparoxítonos e, por fim, de 49 a 54 polissílabos paroxítonos. Seguindo o exemplo do quadro anterior, os itens ficaram organizados como mostra a Figura 2.

Figura 2 – Exemplo de lista com a atribuição de números às não-palavras

Lista 1	
1	Pu
2	Dé
3	Sá
4	Ji
28	zoneli
29	medotá
30	litaji
31	Pátaco

5	Mó	32	Bádaco
6	Rá	33	Xáquire
7	Tame	34	Vádalo
8	bune	35	Nêdaga
9	fapo	36	Ráralo
10	vosa	37	Temonorá
11	mugue	38	Demenorí
12	lafo	39	Fosafovi
13	paqué	40	Jotadani
14	dopi	41	Nesagedá
15	chofu	42	Limenori
16	japi	43	Petáguita
17	nabi	44	Bavázoro
18	ragá	45	Xatágada
19	tecabe	46	Verámono
20	gapeba	47	Navijoso
21	favosa	48	Ricédovo
22	jafázi	49	Tacopago
23	natago	50	Gatogaco
24	rofázu	51	Samonero
25	carezá	52	Zacatago
26	dalená	53	Matotade
27	sinori	54	Lamonéri

Feito isso em cada lista, esses itens foram distribuídos aleatoriamente. Não foi utilizado o procedimento padrão para ordem de apresentação de não-palavras, que é das palavras menores para as maiores. Esta escolha pela distribuição aleatória foi baseada em outro procedimento padrão utilizado em estudos psicolinguísticos. Assume-se que a apresentação contínua de itens de características semelhantes pode criar algum efeito facilitador (no caso das palavras menores) no desempenho do participante do teste, enquanto que a aleatoriedade não deve causar nenhuma alteração. Finalmente, as listas estavam concluídas para a próxima fase de elaboração do teste. A seguir, uma ilustração da Lista 1 após esse procedimento.

Figura 3 – Exemplo de lista em ordem aleatória

Lista 1							
Ordem de apresentação da não-palavra	Número atribuído à não-palavra	1	44	bavázoro	28	35	Nêdaga
		2	38	demenorí	29	41	nesagedá
		3	9	fapo	30	6	Rá
		4	26	dalená	31	14	dopi
		5	47	navijoso	32	33	xáquire
		6	49	tacopago	33	29	Medotá
		7	43	petáguita	34	8	bune

8	22	jafázi	35	18	Ragá
9	30	litaji	36	32	Bádaco
10	20	gapeba	37	11	Mugue
11	37	temonorá	38	27	Sinori
12	7	Tame	39	13	Paqué
13	54	lamonéri	40	52	Zacatago
14	40	jotadani	41	48	Ricédovo
15	42	limenori	42	25	Carezá
16	3	Sá	43	31	Pátaco
17	4	ji	44	10	Vosa
18	45	xatágada	45	1	Pu
19	15	chofu	46	46	Verámono
20	28	zoneli	47	50	Gatogaco
21	12	lafo	48	23	Natago
22	36	Ráralo	49	2	Dé
23	53	matotade	50	21	Favosa
24	39	fosafovi	51	17	Nabi
25	16	japi	52	24	Rofázu
26	51	samonero	53	34	Vádalo
27	19	tecabe	54	5	Mó

Apesar de todas as quatro listas terem sido preparadas dessa maneira para a aplicação, apenas duas delas foram efetivamente utilizadas.

Com a ordem de aplicação de cada lista do teste definida, a próxima fase consistiu na gravação das não-palavras. Elas foram gravadas na voz da autora, com o auxílio de um *software* de edição de áudio e um microfone de boa qualidade. Após a gravação, os itens foram reunidos na ordem aleatória estabelecida. Com o intuito de indicar o início das palavras para a aplicação do teste, foi acrescentado um sinal sonoro antes de cada um dos itens da lista, com intervalo de um segundo entre o sinal e a não-palavra. Após a não-palavra, havia um intervalo de seis segundos para sua respectiva repetição. No total, as listas têm quase oito minutos de duração. Cada uma delas foi dividida em duas faixas de áudio: a primeira faixa contém palavras de 1 a 27, a segunda de 28 a 54. Em seguida, os arquivos foram gravados em um CD-ROM.

O mesmo procedimento de gravação foi adotado para as não-palavras silabadas. Entretanto, entre cada uma das sílabas dos itens havia um intervalo de um segundo, e entre as não-palavras havia dez segundos, o que aumentou consideravelmente a duração do teste. No total, as listas dessa fase ficaram com a duração em torno de 13min30seg.

2.2) Sujeitos

Nas duas fases, o teste foi aplicado primeiramente em controles e, em seguida, em três afásicos.

Os controles que participaram voluntariamente da pesquisa eram estudantes universitários. AP, TA e OS são do sexo feminino, IC é do masculino. Na época da aplicação do teste, AP tinha 22 anos, TA 20 anos, OS 22 anos e IC 26 anos.

Também, voluntariamente, participaram da pesquisa os afásicos CS, RM e SF. Eles apresentam diferentes tipos de afasias. CS e RM são agramáticos (fala telegráfica), ou seja, na sua fala cometem violações de ordem sintática, principalmente no uso de conectivos e flexão de tempo. O afásico SF é anômico, ou seja, ao contrário dos outros, não apresenta dificuldade com conectivos, concordâncias e flexões, mas sim um problema para encontrar palavras para denominar objetos.

Todos eles estão em terapia fonoaudiológica; CS há três anos e seis meses, RM há um ano e SF há um ano e seis meses. Na Tabela 1, estão os detalhes de cada caso.

Tabela 1 – Caracterização dos afásicos

Dados	CS	RM	SF
Idade*	24	38	61
Local da lesão**	Área de encefalomácia acometendo os lobos insular, frontal, temporal e parietal esquerdos. Lacunas isquêmicas na coroa radiada, cabeça do núcleo caudado e na substância branca periventricular adjacente ao corno frontal do ventrículo lateral, à esquerda, e no joelho do corpo caloso.	Lesão anterior no hemisfério esquerdo.	Lesão de aspecto isquêmico em território vascular de artéria cerebral média esquerda que acomete os lobos temporal e parietal e porção anterior do lobo occipital.
Sintomas Concomitantes	Hemiparesia direita	Leve dispraxia oral	Nenhum
Tempo de lesão*	6 anos	11 meses	2 anos
Etiologia	Encefalite	Acidente Vascular Encefálico	Acidente Vascular Encefálico
Características funcionais	Fala telegráfica	Fala telegráfica	Anomia
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino
Lateralidade	Destra	Destra	Destra
Profissão	Estudante	Vendedor Ambulante	Aposentada
Escolaridade	Médio em curso	Ensino Fundamental completo	Superior em Engenharia Elétrica

*Na época do teste.

**De acordo com o laudo médico anexado à tomografia.

2.3) Procedimentos de aplicação

Primeiramente, o teste foi aplicado em controles. Tal procedimento foi adotado para identificar possíveis problemas nas gravações. Com a confirmação da eficácia das gravações, seguiu-se a aplicação nos afásicos.

2.3.1) Controles

A aplicação do teste nos controles foi realizada na sala do PLCD, na UERJ. A primeira fase aconteceu nos dias 05 e 06 de maio de 2010. Foi utilizado um fone de ouvido conectado a um computador. A cada controle foi aplicada uma lista distinta. As listas 1, 2, 3 e 4 foram respectivamente aplicadas nos controles AP, TA, IC e OS. A eles foi dito, nas instruções, que ouviriam palavras inventadas de vários tamanhos, precedidas de um sinal sonoro e, em seguida, deveriam repeti-las. Também foi dito que poderiam interromper e fazer comentários, se necessário. A duração da aplicação do teste em cada controle foi a seguinte: AP 8min20seg; TA 8min6seg; IC 8min29seg; OS 8min20seg.

A segunda fase foi no dia 30 de agosto de 2010. Nesta fase apenas as listas 1 e 2 foram aplicadas. Por isso, somente os controles AP e TA participaram, pois as listas em questão foram utilizadas com eles anteriormente. A duração de aplicação do teste nesta fase foi a seguinte: AP 13min58seg; TA 13min22seg.

O teste foi acompanhado pela autora, que anotava repetições incorretas em uma folha que continha a lista que estava sendo utilizada. Além das anotações, todos foram gravados com um aparelho digital para posterior transcrição.

2.3.2) Afásicos

Cada afásico foi testado individualmente em uma cabine audiológica, com a colaboração do audiologista e supervisão da autora, no dia 1º de junho de 2010. Em todos os casos, foi realizada audiometria tonal por profissional audiologista para que fosse descartada qualquer manifestação negativa quanto à capacidade auditiva, que pudesse influenciar na aplicação do teste. A avaliação auditiva foi realizada em ambiente próprio, com aparelho da marca Siemens modelo AC 40 aferido, conforme normas técnicas.

Antes da aplicação, como aconteceu com os controles, foram dadas algumas instruções aos afásicos. Foi dito a eles que fariam uma atividade muito importante de repetição, pois o resultado dela levaria ao esclarecimento de algumas de suas dificuldades, tornando possível uma melhora em seu tratamento. No detalhamento da atividade, foi explicado que eles ouviriam 54 palavras inventadas, de tamanhos diferentes, que só iriam ser reproduzidas uma vez, e que deveriam repeti-las em seguida e aguardar a palavra seguinte. Também foi dito que antes de cada palavra haveria um sinal sonoro, um bipe, para indicar que a não-palavra iria começar. Ainda, ficou bem claro que, apesar de parecer muito alto o número de palavras, o teste só levaria alguns minutos e que, mesmo havendo uma pausa programada para a metade do teste, eles poderiam pedir para interromper a qualquer momento. Assumindo que a dificuldade das listas é a mesma, a lista 1 foi utilizada para os afásicos CS e RM, e a lista 2 para SF.

Com o objetivo de verificar se houve, de fato, o pleno entendimento das instruções, antes do início do teste em si, foi feito um pré-teste com três não-palavras retiradas de uma das listas que não seria utilizada no teste. A duração da aplicação em cada um dos afásicos, na forma fluente, excluindo o tempo de instruções e incluindo as três palavras do pré-teste, foi de 9min47seg para CS, 8min30seg para RM e 11min30seg para SF. Houve três pausas durante a

aplicação no afásico CS (após os itens 8, 19 e 27), e uma pausa para os afásicos RM e SF (após o item 27, na metade do teste).

No dia 31 de agosto de 2010, a segunda fase do teste foi aplicada nos afásicos. Nessa fase, além das instruções dadas anteriormente na primeira fase, foi adicionada a informação que os instruíam a não repetir as não-palavras pausadamente, apesar de as ouvirem assim. A duração da aplicação foi a seguinte: 16min30seg para o afásico CS; 16min50seg para RM; 15min50seg para SF. Houve duas pausas durante a aplicação de CS (após os itens 3 e 27) e RM (após os itens 16 e 27) e apenas uma para SF (após o item 27). Nesses intervalos, a instrução para não repetir as não-palavras pausadamente foi reforçada, pois se notou que os afásicos tendiam a fazê-lo.

Em ambas as fases, eles não demonstraram desconforto no momento da aplicação, fato este refletido no baixo número de pausas no decorrer do teste e na realização do mesmo até o fim. Mesmo na fase de não-palavras silabadas, que teve a duração acrescida em cerca de 5min30seg, não houve desistência.

Além do acompanhamento do teste pela autora, a aplicação, no caso dos afásicos, foi acompanhada na primeira fase por um audiologista, que era responsável pelos equipamentos da cabine audiológica, por uma fonoaudióloga, e por duas estudantes de graduação da Universidade Veiga de Almeida. Na segunda fase, estavam presentes a autora, o audiologista e apenas uma das estudantes presentes na fase anterior. Todos os afásicos também foram gravados com um aparelho digital para posterior transcrição. Apesar disso, assim como feito com os controles, a autora portava folhas com as listas que estavam sendo aplicadas para anotar as incorreções de repetição, bem como todos os detalhes que fossem importantes para futura análise dos resultados.

Na segunda fase, apesar de ter sido dada a instrução de que era necessário esperar o término da palavra para começar a repeti-la, pelo fato de as não-palavras conterem pausas entre as sílabas, houve momentos em que os afásicos começavam a repetir a palavra antes de terminar de ouvi-la. Por isso, às vezes foi necessário fazer um sinal para o afásico esperar o término da não-palavra. Além disso, o audiologista apertava o botão de pausa, quando notava que o tempo de dez segundos poderia não ser suficiente para a repetição.

2.4) A transcrição

A transcrição seguiu-se à aplicação do teste. Com o auxílio das gravações, foi possível confirmar os erros identificados e anotados durante a aplicação do teste. As não-palavras foram transcritas da maneira que foram pronunciadas, uma a uma, de acordo com a ordem de aplicação de sua respectiva lista. Por exemplo, a não-palavra “dalená”, da lista 1, foi pronunciada pelo afásico RM da seguinte maneira “marená”. Nas transcrições, foram desconsideradas as semi-vocalizações em final de palavra, como de /o/ para [u].

2.5) A classificação

Utilizou-se a possibilidade de organização e visualização de cruzamentos de dados do programa Varbrul. Deve-se ressaltar que a parte estatística não foi utilizada. Para a inserção

dos dados no programa, fez-se necessária uma classificação detalhada da maneira que cada item das listas foi repetido (ou não) pelos afásicos.

A primeira categoria de classificação distingue as repetições entre corretas e incorretas. Considerou-se como “repetição correta” aquela sem nenhuma alteração em relação à não-palavra alvo. Tendo em vista que nem todas as não-palavras apresentadas aos afásicos foram repetidas, a segunda categoria aponta se o afásico repetiu (falou) ou não o item em questão. As três categorias seguintes especificam detalhes da não-palavra. Cada item das listas foi classificado quanto à extensão (categoria 3), fonema inicial (categoria 4) e tonicidade (categoria 5), fazendo-se menção às divisões apresentadas no início desta seção. Tendo sido repetida ou não a não-palavra pelo afásico, estas três categorias estão presentes em todos os itens classificados.

Na segunda fase do teste, foi adicionada uma categoria que não foi adotada na primeira. Trata-se da categoria fluência. Ela foi utilizada para identificar quando o afásico repetiu a palavra pausadamente ou não. Quando a não-palavra foi classificada como “incorreta” e “falada”, procedeu-se a uma classificação do tipo de alteração/incorreção. A seguir, os tipos de classificação das alterações.

a. **Alternância:** troca de fonemas dentro da mesma não-palavra.

Ex.: “rofázu” por “rozáfu” (alternância dos fonemas nas duas últimas sílabas)

b. **Substituição:** troca de um fonema por outro que não consta na não-palavra. No caso da substituição, houve ainda outra subdivisão, referente ao tipo de alteração fonológica das consoantes. A alteração pode envolver: (i) sonoridade; (ii) ponto de articulação; (iii) modo de articulação; (iv) troca de vogal. Ou ainda, as seguintes combinações: (v) sonoridade e ponto de articulação; (vi) sonoridade e modo de articulação; (vii) sonoridade e ponto e modo de articulação; (viii) ponto e modo de articulação;

Ex.: “japi” por “zapi” (substituição envolvendo o ponto de articulação)

c. **Apagamento:** não execução de um fonema ou sílaba na não-palavra.

Ex.: “navijoso” por “navichu-” (apagamento da última sílaba)

d. **Acréscimo:** adição de um fonema ou sílaba à não-palavra.

Ex.: “rolamaro” por “rolamário” (acréscimo de fonema na última sílaba)

Dentro dessas quatro categorias, todas as alterações contêm o detalhe fonológico dos fonemas trocados, apagados ou acrescentados.

Por fim, foi atribuído um código para cada afásico, a fim de identificar quem executou cada item classificado. A seguir, um exemplo com os códigos atribuídos à classificação de não-palavra.

Não-palavra: **gapeba**

Classificação: **(ef3gpPsdgR)** gapeba para papeba

Neste exemplo, há dez informações distintas, representadas por cada uma das entradas (letra ou número). Veja agora o que cada uma significa na classificação desta não-palavra.

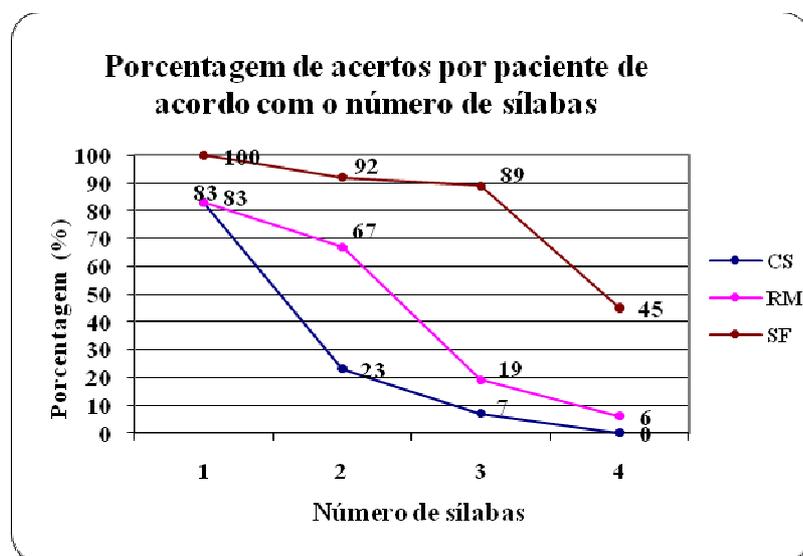
e → incorreta
 f → falada
 3 → três sílabas
 g → fonema inicial oclusivo sonoro
 p → paroxítona
 P → execução pausada
 s → substituição
 d → tipo de substituição – sonoridade e ponto de articulação
 g → traço fonológico do fonema substituído (oclusivo sonoro)
 R → afásico RM

Desse modo, é possível realizar análises quantitativas das incorreções, seus tipos e subdivisões, de acordo com os perfis de cada grupo de não-palavras. Na seção a seguir, estão os primeiros resultados contabilizados a partir dos dados recolhidos e classificados do teste.

3) Resultados

Na primeira fase, a de não-palavras no modo fluente, CM e RM (os dois afásicos agramáticos) tiveram um desempenho fraco e bem inferior ao de SF, como pode ser observado claramente no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Comparação da porcentagem de acertos de acordo com o número de sílabas



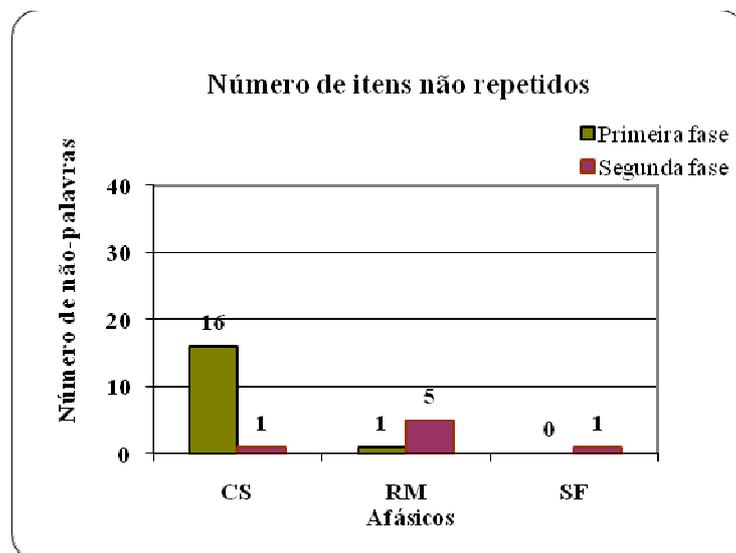
Os resultados apontados tanto no Gráfico 1 quanto nos gráficos a seguir revelam o índice de acertos, considerando o número de sílabas das não-palavras. Pode-se notar, no Gráfico 1, que quanto maior a não-palavra, mais difícil é para o afásico repeti-la. Em outras palavras, a maior parte dos erros cometidos está nos itens com três ou quatro sílabas. Estes dados podem constatar a existência de dificuldades de manter informação na memória de trabalho verbal. Nota-se que a dificuldade mostrou-se maior para CS e RM.

Até o momento, os dados de tonicidade e de detalhes com dificuldades com os fonemas ainda não foram analisados na pesquisa. Entretanto, resultados iniciais apontam para maior dificuldade em repetir fonemas não-oclusivos. Conforme esperado, uma vez que houve dificuldades de repetição com palavras acima de três sílabas, também foram encontrados problemas com palavras proparoxítonas.

O desempenho de CS foi inferior ao de RM devido ao número de itens não repetidos (16).

Na segunda fase, a de não-palavras apresentadas de maneira silabada, o desempenho problemático se manteve com não-palavras de 3 e 4 sílabas. Houve leve melhora no desempenho de CS, que pode ser atribuída ao aumento no número de itens repetidos por ele. Isso porque, na primeira fase do teste, o número de palavras que ele não repetiu foi muito alto em relação à segunda.

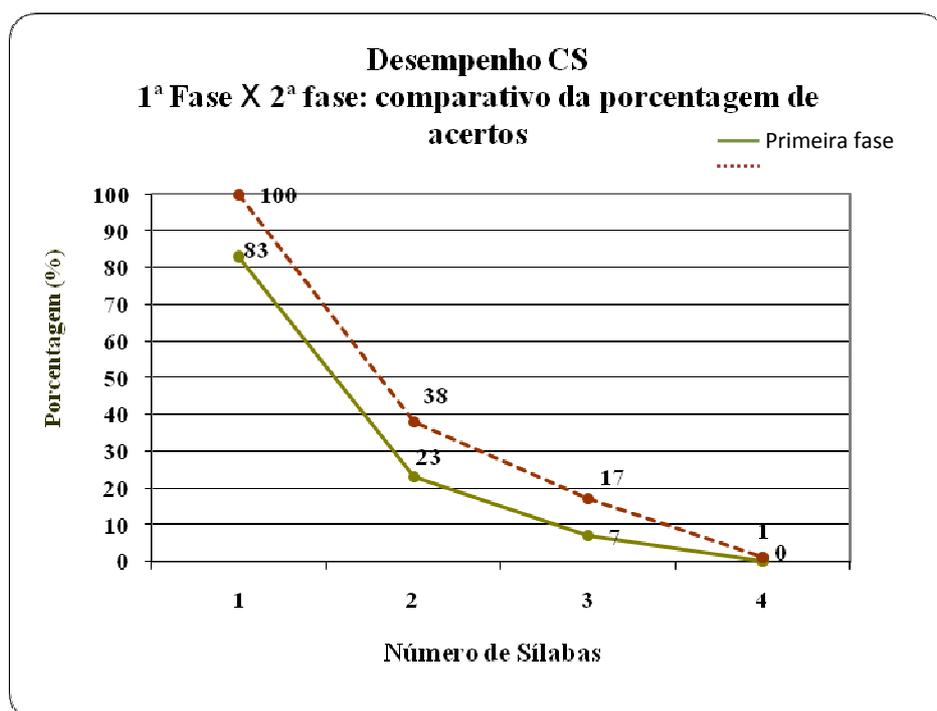
Gráfico 2 – Comparação do número de não-palavras não repetidas



O Gráfico 2, além de demonstrar a diferença relevante entre número de não-palavras que não foram repetidas pelo afásico CS em cada fase, também expõe a mudança de comportamento de RM e SF. Apesar de a diferença ser pequena, nota-se que os dois demonstraram mais dificuldade para repetir os itens nessa fase, ao contrário de CS. Nota-se ainda que, por exemplo, no caso de RM, houve um salto de 1 para 4 itens não repetidos, o que equivale à diferença de aproximadamente 1,9% para 9,25%.

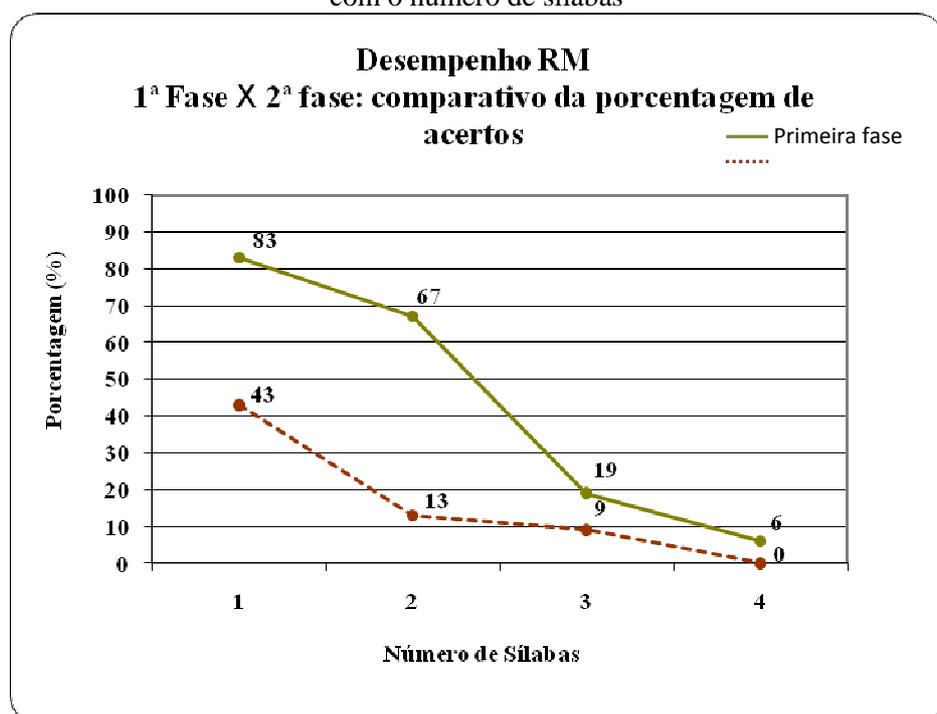
Os três gráficos que seguem são baseados nos dados de comparação de desempenho de cada um dos afásicos nas duas fases.

Gráfico 3 – Desempenho de CS: comparação da porcentagem de acertos nas duas fases de acordo com o número de sílabas



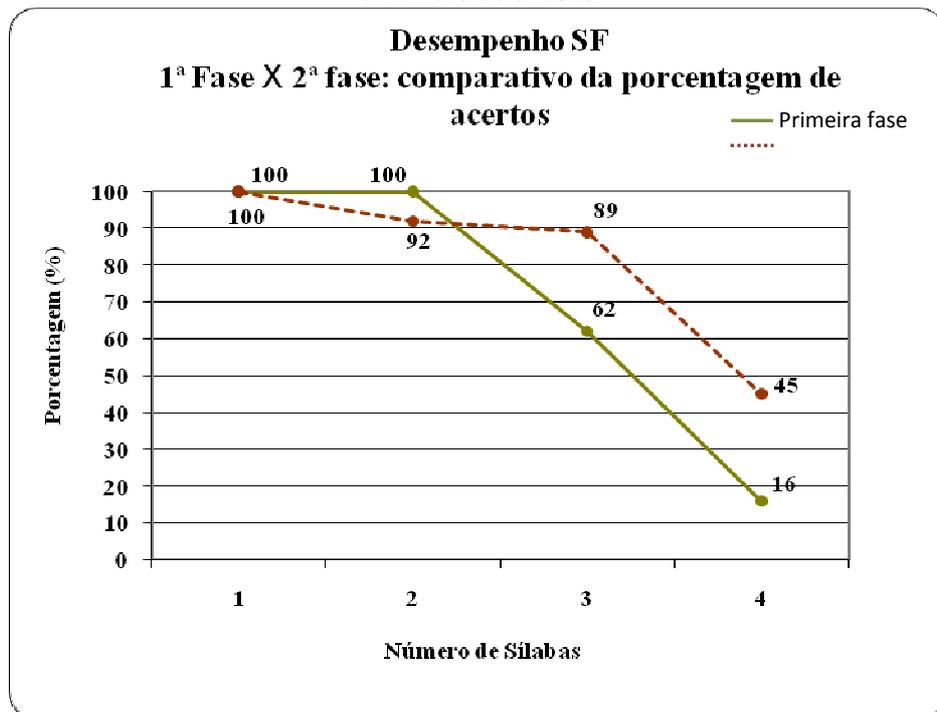
No Gráfico 3, percebe-se o que foi mencionado anteriormente sobre uma leve melhora no desempenho de CS. Entretanto, mantém-se a dificuldade com não-palavras com mais de três sílabas.

Gráfico 4 – Desempenho de RM: comparação da percentagem de acertos nas duas fases de acordo com o número de sílabas



Já o desempenho de RM na segunda fase, demonstrado no Gráfico 4, caiu significativamente mesmo nos itens com menor número de sílabas.

Gráfico 5 – Desempenho de SF: comparação da porcentagem de acertos nas duas fases de acordo com o número de sílabas



O gráfico de desempenho de SF se difere dos anteriores. No caso de SF, houve 8% de queda com não-palavras de duas sílabas, mas com não-palavras de três e quatro sílabas houve aumentos significativos. Contudo, faz-se necessário ressaltar o fato de SF ser afásico anômico e não demonstrar problemas na memória de trabalho verbal. Apesar desse aumento, houve menos de 50% de acertos em itens de 4 sílabas.

4) Considerações finais

Voltando à motivação desta pesquisa, é possível responder se a maneira (velocidade) com que o estímulo linguístico é apresentado faz diferença para o afásico, com os dados apresentados na seção anterior? Os gráficos apontam uma resposta positiva. Mas para além de se confirmar uma dificuldade maior com não-palavras faladas pausadamente, alguns outros aspectos referentes ao quadro afásico podem ser discutidos.

Primeiramente, as diferenças de resultados na primeira fase apontam problemas na memória de trabalho fonológica nos afásicos agramáticos. Além disso, uma análise mais detalhada desses dois afásicos revelou que um demonstrou bem mais dificuldades do que o outro. Já na segunda fase, RM e SF não se beneficiaram com não-palavras silabadas, enquanto CS apresentou um aumento no número de repetições. Isso aponta a impossibilidade da

utilização do teste para analisar o desempenho de tipos diferentes de afásicos. É necessário que se considere cada caso. Com isso, pode-se concluir que a prática fonoaudiológica deve ser individualizada e que o conhecimento de habilidades linguísticas (ou relacionadas) é extremamente importante para o trabalho do fonoaudiólogo.

Em segundo lugar, observa-se o alinhamento com os resultados do estudo anterior, feito com crianças, que indicou que silabar palavras não facilita a realização da tarefa (Lobo; Acrani; Ávila, 2008). Pode-se concluir que a velocidade com que falamos as palavras influencia na compreensão e repetição. Se, de fato, afásicos possuem mais dificuldades na repetição de não-palavras silabadas, assim como as crianças, não há necessidade de mudar a maneira com a qual as pessoas falam com eles: não adianta falar as palavras pausadamente, pois isso, em vez de ajudar, atrapalharia na retenção e na compreensão das mesmas. Se isso acontece com palavras, imagina-se que em sentenças inteiras o problema também estará presente, causando sérios danos na comunicação. Como mencionado no início do capítulo, no cotidiano, as pessoas tendem a falar pausadamente quando se dirigem a uma criança, ou mesmo a um estrangeiro. Por isso, a tendência é fazer o mesmo com o afásico, apesar de não ser o indicado de acordo com esta pesquisa.

Tais constatações não apontam somente para o trabalho do fonoaudiólogo, mas também para a necessidade de divulgação dessas informações para as pessoas que convivem com afásicos. Observa-se que esse tipo de pesquisa deve gerar resultados práticos. É possível identificar problemas específicos sobre a pessoa afásica, possibilitando melhorias em seu tratamento e na convivência com a comunidade que o rodeia.

No PLCD, programa de extensão vinculado à UERJ, desde 2007 pesquisas estão sendo feitas no sentido de fornecer meios para fonoaudiólogos identificarem detalhes de problemas especificamente linguísticos, bem como meios para fazer com que tais informações alcancem outros profissionais envolvidos no tratamento dos pacientes afásicos e a população em geral. Por isso, onde e como divulgar essas informações, bem como analisar mais a fundo os dados são etapas que farão parte da próxima fase desta pesquisa.

Referências

- LIMA, R. J.; LIMA, S. I. (Org.). *Pesquisa e material desenvolvidos com base em critérios linguísticos para a prática fonoaudiológica nas afasias*. Rio de Janeiro: UVA, 2009.
- LOBO, F.; ACRANI, I.; ÁVILA, C. *Tipo de estímulo e memória de trabalho fonológica*. Revista CEFAC, São Paulo, v.10, n.4, p. 461-470, 2008.